



D. RAQUEL ROQUE GAMEIRO

N.º 301 Lisboa, 27 de Novembro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAHNA:

Anno. 48800—Semestre. 25400—Trimestre. 18200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do Jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Oficinas de Com-
posição e Impressão: Rua DO SÉCULO, 43



Os conselhos do dr. Fried

(2.º)

... QUEIXA-SE V. Ex.^a DA FALTA DE LEITE, E DE QUE O SEU FILHO É FRACO?
POIS, MINHA SENHORA, RECORDE-SE DO QUE JÁ EM TEMPOS LHE DISSE: QUE A

Somatose liquida

É IMPRESCINDIVEL.

**A'S MÃES QUANDO AMAMENTAM SEUS FILHOS
AOS FILHOS QUANDO SÃO ANEMICOS E DEBEIS**

E TERÁ ENTÃO A RESPOSTA Á SUA CONSULTA.

(Vêr o 1.º conselho na «Ilustração Portuguesa» de 6 de novembro)



CHRONICAS DE PARIS

A Dança dos Apaches

A *valse chaloupée*, mais conhecida por *dansa dos apaches*, começou por ser dançada n'um palco de teatro e d'aí veio para todos os cafés-concertos e restaurantes de noite de Paris.

Dansa-se coma



1—Os creadores da «Dansa dos Apaches»: o actor Max Dearly e a actriz Mistinguette
2—Uma das mais celebres poses da dança



sala quasi ás escuras. Vem o *apache* e a *piereuse*. Ambos no traje classico: ele de boné, *cache-col* vermelho, calça em saco; ela de saia curta, avental, uma flôr nos cabelos. No ritmo da valsa ha *staccatos* de violencia. Ele arremessa-a ao chão, n'um gesto brutal: ela vem, de rastros, abraçar-lhe os joelhos, suplice, com a humildade d'um cão castigado pelo dono. E os seus corpos enlaçam-se, e os seus labios tocam-se, e a dança prosegue, n'um mixto de violencia e de ternura. Não são estados d'alma antagonicos, ferindo pelo contraste, os que essa violencia brutal e essa voluptuosa ternura refletem. Uma e outra se fundem em qualquer coisa de extranhamente lubrico, capaz de sacudir nervos cansados.

Vem d'aí o triunfo persistente d'essa dança n'um meio como este em que as modas duram pouco. O *tango argentino*, que é mais recente e que mesmo appareceu como destinado a suceder-lhe, não exprime mais que o desejo de lisongear o patrio amor do maior numero dos estrangeiros que, levando a palma aos principes russos, enchem atualmente os logares selétos da *vadrouille* parisiense. O francez não a compreende, não a sente, como de resto não sente nem compreende tambem as nossas dansas populares ou o nosso fado. Mas a *chaloupée*, sim. Essa é querida porque é brutal, é violenta, é forte; e toda a gente sabe com que doentio interesse as raças decadentes admiram os lances de bravura. Os

2
lêem esses livros. Mas cito o facto para caraterisar uma tendencia que pôde não ser louvavel, que cer-



Três fases da dança

lances de bravura ou mesmo simplesmente os gestos brutaes. Em poucos paizes está como em França divulgada a flagelação. Ha livrarias onde só se vendem dos mais modestos aos mais completos tratados das suas praticas; ha casas proprias onde ela se professa. Não insistirei sobre o estado de saúde dos que mais vulgarmente frequentam essas casas e



tamente o não é, mas que nem por isso deixa de existir e dentro da qual o entusiasmo pela *châloupee* logicamente se integra. A *dansa dos «apaches»* é, para o publico que a contempla, uma apreciada flagelação moral. *Tout le sadisme est là.*

De resto, será talvez o ensejo de dizer que o *apache* não é uma creatura que vive cercada de odios na socie-



1—A atriz Mistinguette e o ator Max Dearly na «dança dos apaches»



manta que, ao dobrar d'uma esquina, tira do bolso do transeunte indefeso a carteira contendo alguns milhares de francos está perfeitamente integrado nos usos, hábitos e costumes da sua sociedade e do seu tempo. Quem o não está é o transeunte que tem a faculdade de transportar uma carteira n'aquelas condições. *Helás!*...

Paris, novembro de 1911.

P. O.



3—Os dançarinos Maris na dança dos «Apaches»
4—O final da dança

2—Uma fase da dança

dade parisiense. Não. Na arte como na vida, nos livros como em Montmartre, em figuras de barro nas montras de estatuários como de carne e osso, nos *boulevards* exteriores, o *apache* é, no fundo, para o publico parisiense, uma figura tão simpática como familiar. Ridículo é o burguez que ele esfaqueia; lastimáveis são as mulheres que ele explora; mas as suas proezas são contadas em mil canções que o *boulevard* consome, e os próprios tribunaes os olham com ternura. E' a criação de um meio, a obra-prima reles d'uma epoca: — e isso garante-lhe até certo ponto o assentimento tacito da sociedade que o rodeia e a sua quasi fatal impunidade.

Tirar o *apache* a Paris pareceria ao proprio juri do Sena qualquer coisa de tão grave e desastroso como, por exemplo, tirar ao *Maxim's* os seus *grooms* vermelhos ou á coluna Vandôme o seu Napoleão.

De modo que o cavalheiro de *casquette* e



A INCURSAO DO PALADINO

NARRATIVA COORDENADA
POR JORGE D'ABREU

(Continuado do numero ante-
rior)

O emissario de Paiva Couceiro avançou até á posição occupada pelo capitão Andrade, acompanhado d'um clarim e d'um soldado com bandeira branca. O comandante da guarnição de Vinhaes dispoz-se a recebê-lo e a ouvi-lo como se se tratasse do parlamentar d'um exercito regular. E' que—explicou d'aí a dias o capitão Andrade—adotando essa attitude, supunha ganhar tempo e entreter os realistas até que chegassem de Bragança os reforços pedidos. Por outro lado, a prisão dos tres homens constituia no seu entender um empecilho para o caso d'uma retirada.

Crêmos, porém, que também influiu no animo do defensor de Vinhaes, ao receber sem hostilidade o ex-tenente Sobral Figueira, a circumstancia do numero dos realistas ser dez ou onze vezes superior ao dos seus soldados e imaginar erradamente que todos eles traziam armamento de grande alcance (espingardas Mauser).

Ao defrontar o emissario dos conspiradores, o capitão Andrade convidou-o a sentar-se n'uma pedra e a repousar da fadiga que nitidamente denunciava. O emissario aceitou o oferecimento e assim que pôde articular palavra declarou áquêlle official que o seu chefe, Paiva Couceiro, pretendia, antes de mais nada, saber o que elle pensa-



A marinha a caminho de Bragança
O "fourgon" de vigilancia



A columna de infantaria 24, a caminho de Salgueiros (Tulzelo)
no dia 8, em perseguição dos realistas

va do atual regimen politico. «Porque, acrescentou, v. ex.ª reconhece tão bem como eu que a Republica não pôde manter-se por muito tempo no nosso paiz. E o que o sr

Couceiro deseja, não é iniciar uma guerra civil. Pelo contrario, os seus intuitos são d'um homem de paz e de ordem. Quer arrancar Portugal do abismo em que se afundou, fazer d'ele uma patria nova. Para isso conta com o auxilio de todos os portuguezes honestos e amigos devotados da nação...»

O capitão Andrade interrompeu-o pouco mais ou menos n'estes termos:

—Sou um soldado e um patriota. Aprecio o meu antigo condiscipulo, o sr. Paiva Couceiro, pelo seu valor pessoal, mas n'este momen'o só o devo considerar como um inimigo. Não tenho opiniões politicas e que as tivesse não as revelaria a ninguém. Além d'isso, embora seja eu o comandante da guarnição de Vinhaes, não posso tomar resoluções que contrariem as



legitimas aspirações dos officiaes meus subalternos (o tenente Novaes e o aspirante Saldanha).

A conversa entre os dois homens prolongou-se ainda por algum tempo — o ex-tenente Sobral Figueira insistindo em que os intuitos de Paiva Couceiro não eram belicosos e afirmando que o bando realista tinha todas as probabilidades de restaurar a monarchia. Por fim,

o capitão Andrade despediu o emissario, com a afirmativa de que ia mandar abrir fogo contra os conspiradores.

—E v. ex.ª não nos dá um prazo para isso? perguntou o emissario a sorrir.

—Dou, respondeu o capitão Andrade. Até ás 2 da tarde...

—E' pouco... não tenho tempo de comunicar as resoluções de v. ex.ª ao sr. Paiva Couceiro.

—Bem... Então até ás 3.

O ex-tenente Sobral Figueira, o clarim e o soldado com a bandeira branca retiraram em direção ao Monte Rosario. Entretanto, Paiva Couceiro ordenava aos seus



1—O invulneravel burro de Bragança, que alvorçou a cidade na noite de 11
2—O quartel general de Paiva Couceiro em Salgueiros

homens que ocupassem Vinhaes. E eles desceram o monte a um e um, entre os vivas dos padres e dos camponeses que os acompanhavam e juntaram-se em grossos magotes á entrada da povoação. Os estabelecimentos fecharam e alguns dos habitantes da vila meteram-se dentro das casas, decididos a deixar correr o marfim. Um dos magotes—cêrca de duzentos conspiradores—enfiou logo para a camara municipal e vendo ali hasteada a bandeira nacional—uma bandeira nova que o edificio estreira para comemorar o aniversario da proclamação da Republica—desatou a alvejal-a com ti-

Bragança sob um pretexto futil. Esse official tomou depois o comando d'um pelotão realista que se evidenciou no tiroteio com a força do capitão Andrade.

Ao bater das 3 horas da tarde, como aquele official, sempre colocado no Monte da Ucha, pareceu indeciso sobre se devia ou não romper as hostilidades, uns tantos dos seus soldados mostraram ostensivamente a intenção de o fazer. O capitão recomendou-lhes que procedessem com metodo, dando descargas com a alça de 1:500 metros. O inimigo ripostou com fogo vivo e granadas de



O comandante da coluna perseguidora, major Domingos Peres, e o seu estado-maior, em Salgueiros

ros de pistola e carabina, salientando-se n'esse acto o paroco de Mairós.

Outro magote occupou a seguir as repartições publicas; o capitão Vilas Boas (Fernando de Magalhães) foi ao telegrapho, apreendeu o serviço que lá encontrou e passou d'essa apreensão o competente recibo ao encarregado; uns padres e uns populares dirigiram-se á cadeia e puzeram em liberdade o ex-alferes Figueiredo, dias antes removido do carcere de

mão. E durante mais de cincoenta minutos a fuzilaria proseguiu de parte a parte, ora intensa e sustentada com regularidade, ora desordenada e enfraquecida. Nos primeiros momentos de tiroteio, o inimigo dispersou-se, deixando apenas na linha de fogo um nucleo de bons atiradores, os unicos, talvez, com armamento capaz de atingir a força republicana. Os restantes dos conspiradores, armados apenas de carabinas e pistolas automaticas, espalharam-se em varias direções para se aglome-



rarem mais tarde na encosta do Monte Rosario quando o capitão Andrade já tinha resolvido retroceder sobre Chaves.

A retirada da força republicana efetuou-se ás 4 da tarde e em acelerado. Paiva Couceiro, senhor do terreno, fez então uma entrada solene em Vinhaes, acompanhado do conde de Mangualde, Satrio Pires, que se queixava d'um ferimento n'uma mão; Jorge Camacho, Remedios da Fonseca, Valente, Homem Cristo e outros officiaes do seu estado maior. Os populares, em especial as mulheres, festejaram-a delirantemente, um escrívão de direito ofereceu-lhe uma bandeira de seda azul e branca que foi arvorada na casa da camara, e até ao cair da noite, a monarchia triumphou real-

mente na pitoresca localidade transmontana.

Grupos de conspiradores forçaram os donos de diversos estabelecimentos a vender-lhes comida e vinho, queixando-se de que desde Montesinho até Vinhaes a alimentação fôra parca e a marcha rude a valer. O chefe realista, esse, teve refeição á parte n'uma casa importante da vila, onde as senhoras da aristocracia local lhe prestaram homenagem servindo-o á meza. N'essa mesma casa recebeu Paiva Couceiro outros protestos de lealdade e falou a um sargento reformado que tomára parte em campanhas de Angola. A toda a gente asseverou que o Porto aderira á causa monarchica e que Lisboa estava a ser bombardeada por dois couraçados adquiridos em Inglaterra. Um dos seus sequazes distribuiu á farta um manifesto assim concebido:



1—A vila de Vinhaes vista da estrada de Bragança 2—A entrada de Vinhaes



«A velha e gloriosa bandeira azul e branca conserva-a-emos em nossas mãos e, junto a ella, unidos, firmes e leaes, estaremos alerta. Elles (os republicanos) derrubaram-n'a; nós a levantaremos de novo. Graças a Deus, ha portuguezes e a nós importa proval-o.»

«Soldados, reservistas e povo, adeante

pela bandeira azul e branca. Para a defender tudo serve: baionetas, paus e pedras — todos por um e um por todos...»

Aproximando-se a noite e depois dos magotes de realistas espalhados na vila terem varejado a tiros de pistola as janelas da casa da camara e queimado todas as bandeiras republicanas que ali descobriram, Paiva Couceiro mandou desenterrar os cunhetes de polvora que o capitão Andrade, antes de sahir de Vi-



1—Na estrada de Bragança a Vinhaes: a escolta d'um comboio
2—Os officaes da guarnição de Vinhaes e um grupo de carbonarios com o seu chefe o sr. Luz d'Almeida

nhaes, confiára á guarda d'um amigo, e ordenou a formatura das tropas na rua principal de Vinhaes. As aclamações ao chefe dos conspiradores eram cada vez mais estrondosas. Davam-se ao mesmo tempo vivas á monarquia, ao papa, a D. Manuel, a D. Miguel e á *Santa religião*. Mas, apesar de todo esse entusiasmo, Paiva Couceiro julgou prudente não continuar na vila—tanto mais que lhe falháa o prometimento d'umas dezenas de espingardas que alguém lhe devia entregar uma vez feita a incursão—e ordenou a saída para o norte, em direção á fronteira hespanhola.

A 9 da noite os realistas estacaram n'uma eminencia denominada das Batocas e ai se conservaram até á manhã do dia 6. Ao toque da alvorada, Paiva Couceiro ordenou uma nova formatura, passou revista ás forças e fez-lhes um discurso, que os mais entusiastas entrecortaram de aplausos vibrantes. As suas primeiras palavras foram para expressar a satisfação de que estava possuido «em face da valentia que todos tinham demonstrado



1—A estrada de acesso a Vinhaes

no combate de Vinhaes e dos magníficos resultados do mesmo combate.» Depois, explicou que a coluna incursionista ia voltar a Hespanha, onde seria rendida por tropas frescas. Com efeito,



d'ái a pouco proseguiu na marcha para o norte, até Salgueiros (Tui-zelo) que—diz-se—algum tempo antes visitára sob o mais rigoroso incognito, no intuito evidente de apreciar bem de perto o estado de espirito da população transmontana e o valor dos elementos que se lhe ofereciam como auxiliares na aventura.

Voltemos agora a falar das forças do capitão Andrade, que acima deixamos retirando velozmente sobre Rebordelo. Os 25 kilometros que

2—A casa de Salgueiros, onde se abasteceram as forças inimigas

3—Na manhã de 10, o tenente Maia Megalhães, do Estado Maior, transmite em Salgueiros as últimas instruções para a marcha da coluna



separam Vinhaes d'essa localidade, galgaram-n'os os soldados republicanos em pouco mais de cinco horas — d'um folego. Em Rebordelo, o capitão Andrade resolveu descansar, tomando ao mesmo tempo a precaução de colocar as forças



fôra da estrada que os conspiradores seguiriam caso as perseguissem. A's 11 da noite, avisaram-n'o da aproximação d'um esquadrão de cavalaria. Procedeu ao indispensavel reconhecimento e encontrou-se em frente de 50 praças do regimento 6 comandadas pelo tenente Guerra Quaresma, que a au-



1—O major Domingos Peres com o seu estado-maior, sr. capitão medico Zeferino Borges, tenente medico Francisco Morgado, tenentes Gamelas e Maia Magalhães, a caminho de Pinheiro Velho na manhã de 10

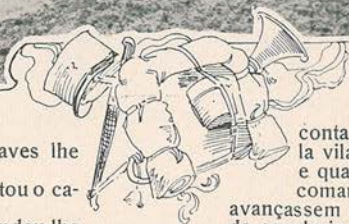
2—O grupo de metralhadoras da coluna do major Domingos Peres, a caminho da fronteira em perseguição de Paiva Couceiro.



toridade militar de Chaves lhe enviava de reforço.

— Quem vive? perguntou o capitão Andrade.

— A Republica! respondeu-lhe o tenente Quaresma. E os dois officiaes trocaram imediatamente impressões sobre o que era urgente fazer. Ao cabo de animada palestra decidiu-se voltar a Vinhaes n'uma marcha forçada, e mandar a Chaves dois soldados de cavalaria com



um officio para o comandante militar, dando-lhe conta do que se passára n'aquella vila e do numero, armamento e qualidade dos invasores. O comandante militar ordenou que avançassem sobre Vinhaes as forças de cavalaria 8 e 9 que estavam em Valpassos e Carrazedo e receoso de que os conspiradores procurassem, depois de Vinhaes, occupar Chaves, fez guarnecer por infantaria 13 o sitio conhecido por Pontes do Vale de Arneiro, d'onde seria mais facil cortar-lhe a marcha.

(*Continúa*)



1—A coluna de marinheiros a caminho de Valpaço
2—Um alto horario da coluna de marinha—(Clichés de Benoitel)

As Pescadoras de Maria Kerke



Emquanto na praia de Ostende as banhistas se divertem, n'uma vilota vizinha, Maria Kerke as mulheres trabalham n'uma rude lide. São quasi todas pescadoras de camarão e ao romper das manhãs lá vão com as suas redes finas, vestidas de calçotas de baeta, meter-se na agua na anciedade d'um bom resultado. Começam de pequeninas no mister. Nos verões vão sem dificuldades pela agua dentro rindo e cantando mas pelos invernos rijos a sua labuta é realmente difficil. A vida passa-se assim n'aquela aldeia que só da pesca vive, do trabalho que só as mulhe-



nam com denodo, levam para o largo as suas rédes e não raro se vêm, uns pontos negros que são cabeças femininas na superficie do mar. Ficam ali com a agua pelo pescoço, as rédes bem no fundo aguardando a boa pescaria que lançam logo nos sacos que trazem a tiracolo. Ha dias em que os resultados são bons, em que se faz a festa na aldeia de Maria Kerke mas ha temporadas tambem em que mal se pôde viver.

Então Ostende se encarrega um pouco do sustento das desventuradas pescadoras.



res cultivam arriscando-se quotidianamente. Algumas ficam pertinho da praia mas outras, as mais ousadas, atrevem-se, cami-



Ao passo que as mulheres fazem esta rude tarefa, se dedicam a faina tão pesada, os homens ficam tratando da labuta da casa, fazendo o jantar, arranjando



(Clichés Dellus)

os filhos e fazendo as malhas das grossas meias que as companheiras usam no trabalhoso mister ou as espiguilhas com que elas se enfeitam nos dias santos de Maria Kerke.

os leitos, lavando as roupas, cuidando dos pequenitos que ainda os não pôdem ajudar e das pequenitas ainda muito novinhas para seguirem as mães no seu mister arriscado e trabalhoso.

Por vezes ranchos de banhistas de Ostende chegam a Maria Kerke e uma larga risada enche a vila ao deparar-se uma caravana de mulheres que chegam molhadas, ajoujadas com o produto da sua pesca, enquanto os homens estão sentados às portas, embalando



A GRANDE REVISTA NAVAL DE NOVA YORK



A revista naval de New-York foi a afirmação do grande poder naval dos Estados Unidos da America. Os seus couraçados poderosos, os seus «dreadnaughts», passaram como monstros de ferro imponentes e altivos diante dos americanos entusiasmados. Essa revista naval teve porém o seu eco na Europa: marcou uma potencia estranha no mar. Havia duvidas acerca do poder naval; imaginava-se, e com certa razão, dominadora a Inglaterra, mas é justo confessar que os Estados Unidos não teem uma marinha inferior á da poderosa nação europeia. Os americanos pretendem sempre exceder a Europa; n'essa especialidade, como em todas as outras, não se paralisam.

A Inglaterra construía um poderoso couraçado e logo os Estados Unidos fabricava outro mais forte; creava uma esquadra, outra maior aparecia na America e quando fizeram os «dreadnaughts», esses monstros marinhos d'aço, os americanos não hesitaram e por sua vez inventaram os super-



- 1—O «Mayflower», tendo a bordo o presidente da Republica, passando revista á esquadra americana
- 2—O superdreadnought «Florida» o maior navio de guerra do mundo
- 3—O presidente Taft com o almirante chefe das esquadras americanas Hugo Ostertrans, os almirantes Wauright e Potter e o ministro da marinha Meyer a bordo do «Mayflower» (Clichés Delius)

«dreadnaughts», as formidaveis massas que se moveram agora n'essa singular revista naval de New-York que por todos os motivos admirou a Europa.

A REABERTURA DAS CAMARAS



A chegada a S. Bento do chefe do governo, dr. Augusto de Vasconcelos

As camaras reabriram em 16 de novembro e a elas se apresentou o governo da presidencia do sr. dr. Augusto de Vasconcelos, e que tem na pasta do interior o sr. dr. Silvestre Falcão, na da justiça o sr. dr. Antonio Macieira, o sr. dr. Sidonio Paes na das finanças, na da guerra o sr. tenente-coronel Alberto da Silveira, na da marinha o capitão-tenente sr. Freitas Ribeiro, no fomento o sr. dr. Estevão de Vasconcelos e o sr. dr. Celestino d'Almeida nas colonias.

E' o que se chama um governo de concentração e devido a e' se modificou o aspeto do parlamento. Nas sessões anteriores, quando se começou a esboçar a luta politica, os deputados e senadores degladiavam-se, batiam-se pelas suas afeições: agora, diante d'um ministerio formado por elementos de todas as côres politicas, exceto do agrupamento que se denomina Os



O sr. ministro do fomento, dr. Estevão de Vasconcelos apeando-se do automovel em S. Bento

selvagens, as questões paralisam-se.

Sente-se que se esta quietação durar a Camara poderá empregar o seu tempo nas coisas utilissimas, necessarias, imprescindiveis que tem a realizar.

Está tudo por fazer. Na paz agora iniciada se trabalhará.

Temos as questões agricolas, industriaes, commerciaes; temos o fomento colonial, as leis a votar acerca da autonomia municipal que pelo paiz se reclama, emfim, as coisas vitais de que mal se tem tratado. Estão ali representantes de todas as terras do



Os Drs. Antonio José d'Almeida e Brito Camacho chegando a S. Bento

paiz, conhecedores das suas necessidades, das suas aspirações e de certo se vão congregar n'um esforço comum para que em toda a parte se unam os homens em volta da Republica, o que se obterá por medidas sabias e economicas dependentes do parlamento a que se apresentou o terceiro ministerio da Republica com o seu programa bem proprio d'um governo de concentração.

São as leis de responsabilidade ministerial, as relativas ás accumulções e á reforma do codigo que vão ser em primeiro



O dr. Teófilo Braga, ex-presidente do Governo Provisorio, subindo as escadas do parlamento

logar apresentadas ás camaras, seguindo-se-lhes o orçamento, no qual se mostrará a verdadeira situação financeira do paiz, o que é absolutamente necessario, sem as mascarar, e os erros, como os do tempo da monarchia. Aparecerá assim, sem artificios, á sanção parlamentar o orçamento e dentro d'ele se procurará providenciar á assistencia publica por todas as fórmãs.

Tratar-se-hão tambem as questões da proletariado em harmonia com as leis d'outros paizes, dando ao operario regalias e pedindo-lhe o cumprimento de deveres, exigindo-lhe em troca responsabilidades.

São todas estas leis que o parlamento tem a discutir, fazendo um trabalho de verdadeiro avigoramento nacional.

O governo, ao apresentar-se á camara, declarou tambem terminantemente que fará uma politica anti-clerical, respeitando, todavia, as crenças religiosas dos cidadãos.

Os chefes dos grupos politicos a colheram com as maiores deferencias este ministério por eles formado e no qual estão representantes das varias facções, começando então o parlamento a funcionar regularmente e principiando pela discussão da reforma do codigo administrativo que de ha muito se reclama.

N'esta acalmção se vae trabalhar, sendo de esperar que ninguem a turbe, porque de outro modo a questão politica apparecerá sempre, como nos velhos tempos, sobre as questões da ordem e do trabalho.

(Clichés de Benoitel)



Os senadores Arthur Costa e Manuel José encaminhando-se para o Parlamento



O sr. Antonio Macieira, ministro da Justiça, subindo a escadaria de S. Bento



O ministro da marinha, dr. Celestino d'Almeida



FIGURAS E FACTOS

Visita do sr. ministro da justiça ao convento das Trinas.— O convento das Trinas tem a sua tradição tragica. Foi dentro das suas paredes que a celebre irmã Coleta envenenou a educanda Sara de Matos, gerando o celebre processo de que saiu a sua condenação e fazendo brotar a idea de se erguer um jazigo no Prazeres onde ficasse o corpo da pequena vítima. O movimento anti-clerical tomou então proporções semelhantes ao provocado em França pelas famosas ordenanças de julho. E' n'esse convento, recentemente adoptado para servir de tribunal, que vão ser julgados os accusados de tomar parte nos movimentos monarchicos.

As salas destinadas para este effeito são as que deitam para a rua Garcia da Orta e n'elas serão instaladas não só as audiencias mas ainda as se-



O deputado japonês Niayako em Lisboa

O deputado japonês Niayako esteve alguns dias em Lisboa de passagem para Paris d'onde partirá para embarcar em Inglaterra, com destino a America do Norte, a fim de completar a missão de estudo de que foi encarregado pelo seu governo com a representação do parlamento nipónico na conferencia da paz.



O ministro da justiça no grande pateo central do convento das Trinas

cretarias e os cartorios do tribunal especial. O sr. dr. Antonio Macieira, ministro da justiça, visitou o antigo convento em 19 de novembro mostrando-se satisfeito com as installações do tribunal.



O ministro da justiça, sr. Antonio Macieira, acompanhado do sr. Germano Martins, na sua visita ao convento das Trinas

Dr. Silvestre Falcão.

— O novo ministro do interior é o sr. dr. Silvestre Falcão que pertence á geração academica de 1890 da qual saiu tambem o sr. dr. Antonio José d'Almeida de quem é amigo pessoal e politico. Quando da revolução republicana estava em Tavira exercendo a sua profissão de medico, sendo pouco depois nomeado governador civil de Coimbra, onde prestou serviços, e depois ministro do interior do governo de que fazem parte mais tres dos seus colegas em medicina os srs. drs. Augusto de Vasconcelos, Estevão de Vasconcelos e Celestino d'Almeida.



O novo ministro do interior dr. Silvestre Falcão



D. Raquel e D. Helena Roque Gameiro, filhas do ilustre aquarelista, a quem a «Ilustração» dedica no presente número um artigo (Clichés das Oficinas Fotograficas)

D. Raquel e D. Helena Gameiro.— As gentis filhas do ilustre artista Roque Gameiro são as suas melhores discipulas e isso em absoluto se comprova com as suas obras expostas ao lado das de seu pae no atelier da rua D. Pedro V e onde o publico tem concorrido em grande numero.



Os srs. Filipe da Mata, coronel Corrêa Barreto, contra-almirante Nunes da Mata e dr. Sebastião Pereira Rodrigues, membros do novo directorio eleito no Congresso da rua da Palma (Clichés de Benolle)

■ Em 17 de novembro o arquiteto sr. Taveira, que fôra encarregado das obras em algumas salas do convento das Trinas que vão ser agora applicadas a tribunal especial para o julgamento dos conspiradores monarchicos, deu por finda a sua tarefa, sendo aquella parte do edificio entregue ao juiz presidente d'esse tribunal.

O acto realisou-se com a comparencia do juiz sr. dr. Pereira da Mota, do delegado sr. dr. Mourisca Junior e dos escrivães srs. Pereira de Matos e Manuel Reis que logo tomaram posse das salas destinadas aos seus cartorios, onde ficaram já trinta e seis processos para os primeiros julgamentos.

Este tribunal deve começar os seus trabalhos no dia 29, calculando-se que, se funcionar sem interrupção, só em meados de fevereiro do proximo ano terá concluido a sua missão.



1—O Juiz João Joaquim Pereira da Mota.
2 e 3—Os escrivães de direito Daniel Ferreira de Matos e José Rodrigues Vieira



A fachada do convento das Trinas, dando para a rua Garcia da Orta, para onde deita a sala onde se instalou o tribunal para julgamento dos prisioneiros politicos

• DE • REGRESSO • A • PARIS •

Paris aclamou ha dias o rei da Servia, com um jubilo até hoje só excedido quando da viagem do czar. E' que os jornaes recordaram como esse soberano de ha annos era um velho amigo da França, pela qual se batera ousadamente du-

tiu-se e foi viver para junto dos seus, consorciando-se com a filha do rei de Montenegro.

Não foram, porém, só estas as relações dos Kareogevitch com a França. O grande antepassado do actual rei era um ousado guerri-

rante a guerra de 1870.

Pedro Kareogevitch foi educado em Paris. Os seus antepassados depositos do trôno pela dinastia vencedora nas ultimas lutas, tinham-se acolhido ao Montenegro. O principe seguiu os seus estudos no collegio Saint Barbe, fez os exames e vestiu o uniforme francez de aluno da escola militar de Saint Cyr. Era em 1862 e ao acabar o curso tinha conquistado a amizade dos mais distintos alunos da escola, todos com elle promovidos. Essa promoção deu á França quinze generaes de divisaõ e dezanove generaes de brigada e foi intitulada a geraçãõ da boa camaradagem. O principe Kara saiu de Saint Cyr para a escola d'applicaçãõ de Metz. Ganhou ali os galões de tenente, depois demi-



O rei Pedro da Servia, de Belgrado, em que foram mortos

aclamado depois da tragedia o rei Alexandre e a rainha Draga

pediu.

Passaram os anos, sucederam-se os governos, caíram as dinastias. Luiz Filipe baqueou; um golpe d'estado derrubou a republica de 1848 e o sobrinho de Napoleão, sagrado imperador por sua vez, occupou o

lheiro que se batia nas montanhas para libertar o seu paiz do jugo dos turcos ha um seculo. Reinava em França Napoleão I e ao grande general se dirigiu o celebre cabelhe o seu auxilio e o seu socorro. Um dos seus ajudantes chegou a Paris a solicitar algumas armas e algum dinheiro, mas o imperador preoccupado com a sua politica, sentindo em volta mil embaraços, limitou-se a enviar ao guerrilheiro uma bela espada sem os auxilios que elle desesperada e confiadamente



A chegada a Paris do antigo aluno de Saint-Cyr

trôno de França. Dezoito anos governou. Rugi-ram contra ele as coleras. A Alemanha espreitava essa sombra palida de guerreiro. Rebentou a grande guerra em 1870. Então viu-se chegar a Tours, a encorporar-se no exercito francez o antigo aluno de Saint Cyr, o principe Pedro Hareoorgevitch.

Alistou-se como voluntario no quinto batalhão da legião estrangeira, batendo-se, sem que soubessem quem ele era, no meio dos estrangeiros de todas as categorias. Tinha vinte e seis anos. N'um encontro foi feito prisioneiro mas evadiu-se atravessando o Loire a nado e indo alistar-se no exercito do Este. Reconheceram-no e ficou no estado maior da primeira divisãõ ás ordens do general Feuillet-Pialtrie. Quando acabou a guerra recolheu nova-

mente á sua familia. Varias vezes habitou em Paris até que depois da tragedia da Servia lhe ofereceram o trôno. O seu primeiro pensamento, nas festas da coroação, foi chamar a Belgrado os antigos companheiros de Saint Cyr, oferecendo-lhes um banquete. Não oculta as suas simpatias pela França este soberano contra o qual ha pouco a Austria mobilisou as suas tropas. Os francezes agora acolheram-no com essas manifestações de simpatia que tanta sensação causaram e foi para ele — soldado da França durante a guerra de 1870—a primeira medalha comemorativa das batalhas, ha dias cunhada para ser oferecida a todos os bravos d'aquella epoca.

Solenisando a chegada do rei a Paris entraram para a escola de Saint Cyr, que ele frequentou tão distintamente, alguns jovens servios que vão, como o seu soberano, servir alguns anos no exercito francez.



O rei da Servia com o presidente Fallières na carruagem presidencial (Clíchés Dellus)

A GREVÉ DOS VENDEDORES DE PÃO

Lisboa durante um momento sentiu o sobresalto de não ter pão para comer. Os moços de padeiro e alguns manipuladores declararam-se em greve, exigindo da Companhia de Panificação que não vendesse ao publico, ao balcão dos seus estabelecimentos, o pão pelo mesmo preço do que para eles. A Companhia pretende assim evitando o intermediario, favorecer o publico; o vendedor ambulante sente-se lesado por sua vez. D'aí o conflito que causou alarme e levou a população a comprar todo o pão que havia na cidade na manhã de 19 de novembro.

Os grévistas pretenderam em alguns lugares evitar que se fabricasse mas a autoridade providenciou mandando guardar as padarias, fazendo manipular o pão na manutenção militar, pedindo para os suburbios e para o Porto o envio de remessas



1—A porta do quartel do Carmo
2—O sr. capitão Azevedo na Manutenção assistindo á saída do pão conduzido em taboleiros pelas praças
3—Um grupo de grévistas hespanhoes
4—Comprando o pão no quartel general

do genero que Lisboa temia vêr escassear.

Evocaram-se as cenas da ultima greve d'aquella classe; a cidade mantida de pão apenas pela padaria militar, o acampamento da serra de Monsanto onde os grévistas se conservaram alguns dias dirigidos pelo seu chefe sr. Francisco de Mendonça. Fôra esse um episo-





1—As praças trabalhando na Manutenção: Alguns amassadores

2—Depois de comprar o pão no Quartel General

3—Os fornos de companhia e de montanha trabalhando na Manutenção

4—Os carros da Companhia de equipagens escoltados por cavalaria conduzindo o pão para os quartéis



dio nada banal na vida vulgar lisboeta agora recordado com uma pontinha de receio logo dissipado diante das medidas tomadas.

Os habitantes da cidade puderam comprar o seu pão nos quartéis, nas es-



1—A venda do pão no quartel da Guarda Republicana no Carmo



2—Esperando a chegada do pão ao quartel General

do conflito, oferecendo-se a Companhia de Panificação para receber novamente os seus operarios grévistas.

Não foi, pois, simpatico o movimento iniciado e os lisboetas claramente o demonstraram auxiliando em alguns logares a defeza das padarias onde os grévistas pensavam em fazer cessar o trabalho.

Houve alguns tumultos, fizeram-se algumas prisões, movimentou-se um pouco a guarda republicana e a policia e a isto se limitou

quadras e n'algumas padarias e para lá acorreram em massa a abastecer-se, notando-se ao fim da tarde do dia 20 que havia uma excessiva abundancia de pão e sendo necessario mandar sustar as remessas do Porto e das terras visinhas da capital.

Assim Lisboa comeu o seu pão exatadamente como se não houvesse grêve, como se tudo estivesse na normalidade e d'ahi a rapida solução



3—A sede da Associação dos Manipuladores de pão da rua Bemfornoso
4—Outros compradores
(Cllichs de Benoitel)

a grêve que, tentando fazer a escassez do pão na cidade, mais o fez abundar, tendo-se distribuido muito pelas casas de beneficencia, por excessivo para o consumo.

A primeira festa oficial da Presidencia

A residencia do chefe do Estado, onde se realizou um jantar oferecido á Camara Municipal e um baile para que se fizeram numerosos convites, é o palacio Condeixa na rua da Horta Seca, á esquina da rua da Emenda, e n'ele residiu o grande elegante Jeronimo Colaço que faleceu em Paris onde se celebrisara pelo seu luxo e pelos seus ditos de espirito.



1—O palacio da Horta Seca, residencia do Presidente da Republica
2—A sala de visitas do sr. Manuel d'Arriaga
3—A sala de baile do palacio da Presidencia—(Cliches Benoit)



A primeira reunião coletiva do ministerio no dia 13 de Novembro
 (Clichê de Benollet)

Primeiro plano sr. dr. Augusto de Vasconcelos, presidente do conselho. A seguir sr. Freilas Ribeiro, ministro das colonias; dr. Estevão de Vasconcelos, ministro do fomento; dr. Celestino d'Almeida, ministro da marinha; tenente coronel sr. Alberto da Silveira, ministro da guerra; dr. Sifonio Paes, ministro das finanças; dr. Antonio Macieira, ministro da justiça; dr. Silvestre Falção, ministro do interior.

As filhas de Gameiro

O lar foi a escola das duas filhas de Gameiro, D. Raquel e D. Helena. A casa do artista era e é um *atelier*. Foi n'esse *atelier* que as crianças cresceram, aprendendo a desenhar ao mesmo tempo que aprendiam a lêr. Certo, o pae lhes transmitira no sangue a delicadesa sensitiva, a faculdade emocional da Arte. Mas essa sensibilidade *sui generis* depressa o ambiente a desenvolveu em pericia precoce. Ainda creança, um dia, a mais velha pegou nos pinces paternos e, brincando, pintou. Era a vocação que desabrochava. Não fôra preciso ensinal'a. Depois, ao mesmo tempo que a pequenina, embrionaria artista, se desenvolvia em mulher, a sua arte elemental desenvolvia-se em segurança e em belesa. Os seus olhos absorviam a lição quotidiana do trabalho laborioso,



1.—Retrato— por Raquel Gameiro
2.—Flores— por Helena Gameiro
3.—Na primavera— por Raquel Gameiro

acerrimo do artista. Ao amor terno de filha juntava-se a admiração devota da discipula.

E Gameiro, enlevado, via-a de ano para ano progredir, individualisar-se, afirmando com essa autonomia progressiva um talento original, emancipado da influencia da sua propria obra de mestre. Outro, mais ciioso, teria procurado escravisar aquela vocação aos seus processos. Gameiro, pelo contrario, estimulou aquella personalidade recém-nascida. O pae e a filha começaram a ser verdadeiros camaradas de arte.

De ano para ano, agora, a personalidade da juvenil artista se acentuava á medida que a sua obra se ia avolumando, passando do periodo hesitante dos ensaios á execução

Ana de Castro Osorio e consagrada com o 1.º premio do concurso universal do *Petit Journal illustré de la Jeunesse*, a influencia inglesa se não perceba. Mas se o genero as aproxima, o sentimento de interpretação distingue-as o preciso para distancial'as do confronto.

Essa obra encantadora, a que a *Ilustração Portugueza* espera poder dedicar um dia um especial e desenvolvido estudo, o publico não a encontra porém suficientemente representada na actual exposição do atelier da rua D. Pedro V. As aguarelas que a artista expõe — estudos de figura, da natureza e de interiores quasi que todas, — assinalam sobre um aspeto mais amplo o talento da aguarelista distinctissima, a quem algum chamou com propriedade a *Kate Greenway portugueza*. Mas n'essa obra, facil é constatar a primeira inspecção do olhar a sobria maestria, a ciencia perfei-



2.—A' porta» por Raquel Gameiro



1.—Desejo» por Raquel Gameiro
3.—Um pateo em Carenque»

fique, voluntaria e consciente de uma profissional ilustre da aguarela.

A interpretação pictural da infancia na illustração de livros para creanças, a que desde cedo se dedicou o seu talento, e em que atingia rapidamente a maestria, ia firmar-lhe aos 17 anos a reputação e imprimir definitivamente á sua obra o carater inconfundível que a destaca da dos restantes aguarelistas portuguezes. Seria negar a evidencia que n'essa obra já vasta, iniciada com a illustração dos *Contos tradicionaes* de D.



ta, a espontaneidade viva com que a artista apreende e fixa os jogos e reflexos da luz, a visão colorida das cousas, não se temendo de de-
 frontar-se com temas de execução e interpretação os mais difíceis. E — detalhe que toma as proporções de preponderante no exame da sua obra — de toda ela exhala-se a feminilidade. Ha como que uma ternura emotiva, ou um especial requinte, revelador infalível da mulher, em todos os seus trabalhos de artista, mesmo quando, como n'esse admiravel projeto de cartaz para a casa de vinhos Ramos Pinto, em que Pan espreme na boca entreaberta de uma ninfa um cacho de uvas, a sua imaginação audaciosa se impõe com uma firmeza viril. Esta é mesmo em nosso entender uma das paginas mais salientes da obra numerosa da ilustradora das *Toadas da nossa terra* e da expositora da Sociedade Nacional de Belas Artes.

D. Helena, essa crêmos ser a primeira vez que expõe ao publico os seus trabalhos. Muito nova, com 16 anos apenas, tendo com-



2—Rosas e lilazes, por Helena Gameiro



1—Os rochedos da Avenca, por Raquel Gameiro



partilhado com sua irmã dos beneficios da mesma escola paterna, as suas flôres teem a frescura e o encanto da sua mocidade, que é uma flôr também. Um dia, como em D. Raquel, a vocação acordou n'ella, espontanea, como o perfume que nasce na rosa ao desabotoar das petalas. A mesma orgulhosa autonomia a personalisa. Nada de comum no seu processo com os de sua irmã e de seu pae. E já hoje *alguem*. Não se lhe poderia chamar, sem injustiça, uma amadora. E' uma artista, como um artista é Manuel Gameiro, cuja obra exposta mereceria uma mais longa referencia, que uma irremediavel falta de espaço não nos permite fazer-lhe n'este artigo.



A FESTA DA FEITORIA INGLESA DO PORTO.



A Feitoria inglesa do Porto celebrou agora o seu centenario, pois foi instituida depois da derrota dos francezes em 1811. E' agora a Camara de Comercio da colonia e foi nas suas salas que os inglezes se reuniram em onze d'este undecimo mez do ano de mil novecentos e onze levando a sua excentricidade a ponto de serem convidados onze membros da colonia para um almoço ás 11 horas e 11 minutos do mesmo dia 11, sendo aquêles senhores

1—O almoço dos 11 membros da colonia inglesa do Porto, realisado ás 11 horas e 11 minutos da manhã do dia 11 de novembro (11.º mez) de 1911 e em que se serviram vinhos de 1911
2—O baile da Feitoria

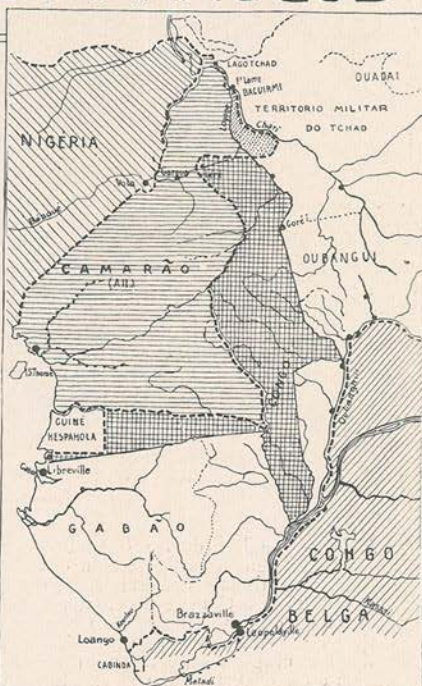
os onze descendentes dos onze subditos britannicos que instituindo, ha um seculo, a feitoria se reuniram tambem n'aquella epoca em egual dia e a egual hora. Os convidados vestiram-se á maneira de 1811 e beberam preciosos vinhos d'aquella data. A festa terminou por uma ceia e por um baile oferecido a 800 pessoas.



ATRANSAÇÃO DE MARROCOS



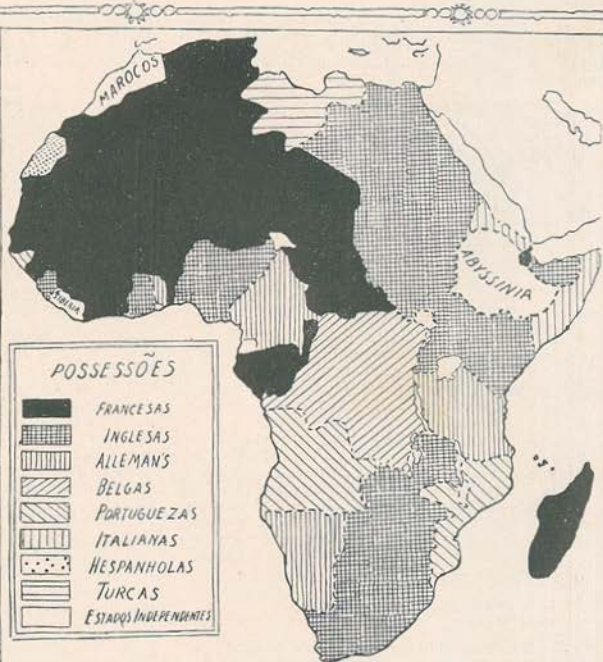
- 1—O Kronprinz da Alemanha, cuja atitude na sessão do Reichstag tantas discussões provocou na Europa
- 2—As concessões territoriais da França à Alemanha: Os territórios concedidos pela França à Alemanha são indicados pelos espaços quadriculados. Os territórios cedidos pela Alemanha à França são indicados pelos espaços ponteados
- 3—A famosa sessão do Reichstag alemão em que se discutiu o tratado



A questão de Marrocos liquidou-se desde que os representantes da França e da Alemanha assinaram o tratado pelo qual quasi se reconhece o protectorado daquêlê paiz no grande Império concedendo em troca compensações aos alemães no Congo e que são os seguintes:

Dois pontos de acesso um pela estreita lingua de terra que se pára a Likuala de Sango, o outro no Oubangadi ao norte do Mongumba com quatro kilometros ao longo do ribeiro. A Alemanha deu á França uma parte de terreno entre Chari e Logona. Vae começar a delimitação das novas fronteiras.

Apesar de tudo ficou celebre a sessão do Reichstag onde essa questão foi tratada causando uma grande impressão na Europa a maneira como procedeu o herdeiro do trono que a ella assistia.



1—O dominio da França na Africa: Os espaços negros representam as possessões francezas e egualam a superficie da Europa
2—O chanceler alemão von Botham Hollweg salindo do Reichstag

Quando o chanceler do imperio disse que se a Alemanha se quizesse fixar ao sul de Marrocos teria sido como se declarasse guerra á França êle acenou com a cabeça como se quizesse tal solução e chegou a maiores sinais aprovativos á medida que se ia tratando da força da Alemanha, batendo palmas estrondosas quando o senador Heibrandt disse que se devia ter lançado mão da espada para resolver o conflito.

Esse incidente do dia 9 de novembro parece esquecido. Ambos os paizes estão satisfeitos com as suas soluções da questão. Resta saber o que pensam os marroquinos.





1—D. Cacilda de Castro



2—Alfredo Napoleão

D. Cacilda de Castro.— A ultima produção da distinta poetisa intitula-se *Merlin e Viviana* e é um delicioso episodio dramático que se representou com grande successo no teatro da Natureza e apparece agora n'uma linda *plaque* editada pela livraria Cernadas.

Tem um grande relevo e vigor a poesia, são mimosamente traçadas as figuras e a alma de mulher da sua autora soube achar pequenas subtilidades que encantam em toda a acção da pecinha.

Cacilda de Castro, cujos trabalhos anteriores tem sido apreciados devidamente, obteve com a sua ultima obra uma consagração e sem duvida em composições de mais folgo continuara a afirmar o seu valor literario.



S. Carlos.— Este teatro vai abrir as suas portas marcando o fim das agitações politicas.

A empresa concessionaria do Teatro Real de Madrid de que fazem parte os srs. Coleja e Boceta encarregou-se d'essa missão oferecendo a sua direcção ao distincto artista lirico Mauricio Bensaude, que é o melhor interprete portuguez do *Barbeiro de Sevilha* e do *Rigoletto*. Do elenco fazem parte alem da celebre cantora Rosina Storchio, a doce e tragica creadora da *Butterfly*, Viñas e Anselmi, o interprete delicioso do *Lohengrin* e o emulo de Caruso.

Naturalmente o publico vai acorrer a essa esplendida sala de espetaculos que foi sempre um ponto de reuniões elegantes e onde se marcaram algumas das mais interessantes *éclats* da vida portu-gueza.

Ultimamente a imprensa madrilena tecia os maiores elogios — ella que não é prodiga em favores — aos artistas do Teatro Real que tinham interpretado a grande opera de Wagner *Crepusculo dos Deuses*, mostrava como elles tinham sabido interpretar bem essa obra celebre. Muitos d'esses artistas apresentar-se-hão no palco de S. Carlos n'algumas das operas de reputação universal.



3—Luiz Calleja

4—Antonio Boceta

5—Mauricio Bensaude

Alfredo Napoleão— E' o irmão do distincto pianista Artur Napoleão que os reis aplaudiram e premiarão e de quem Liszt falou na sua correspondencia. E' tambem um pianista e um compositor insigne que Londres e Paris aplaudiram, e que o imperador do Brasil aclamou. Não abundam as glorias portuguezas na actualidade para que deixemos de as saudar quando apparecem em publico. O illustre pianista apresentar-se-ha em 28 de novembro n'um concerto no *Salão da Ilustração Portuguesa* e entre outras composições, tocará a sua e inspirada *Fantasia Paloise*.

Além desta excelente produção o artista executará a sua grandiosa marcha *5 d'Outubro* comemorativa da proclamação da Republica e dedicada ao parlamento e a sua nova valsa *Diva* com outros trabalhos onde fulge a sentelha do seu talento. Figuram tambem n'este sensacional programa dois preludios e fugas de Bach, sonatas de Beethoven e ainda uma bela peça de musica baseada na Tarentela e que deve agradar extraordinariamente. Alfredo Napoleão vai mais uma vez receber os applausos com que o saudam sempre que apparece diante do publico.



Veiga Simões.

—Adido da Legação de Portugal em Londres é o autor do livro *Nova Geração* no qual faz a critica da literatura do seu tempo. O sr. Veiga Simões conseguiu nos meios academicos uma reputação de critico arguto agora confirmada com a sua obra que obteve louvaveis comentarios da imprensa.



Veiga Simões, autor da «Nova Geração».



Henrique de Carvalho. Publicou ha pouco um livro intitulado *A Heroína da Rotunda* que é um episodio passado durante os dias da revolução e no qual prepassam, com figuras conhecidas, os personagens da novela que entra na já extensa bibliographia da proclamação da Republica.



Henrique de Carvalho, autor da «Heroína da Rotunda».

O passado, o presente e o futuro



REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame

BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruze, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos-numerosos clientes da mais alta cathogoria a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 42, RUA DO CARMO, 42 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 1500 rs., 2500 e 35000 rs.

A Seda Suissa E A MELHOR

Pegam as amostras das
nossas novidades em pre-
branco ou cor:

**Duchesse, Voile, Setim li-
xivo, Taffetas, Crêpe de Chi-
ne, Eolienne, Côtelé, Mou-
seline**, largura 150 cm., a partir de
1 fr. 25 c. o metro, **Veludo e Pe-
ludo** para vestidos, blusas etc., as-
sim como **blusas e vestidos bor-
dados** em baizile, la, linho e seda.

Vendemos as nossas sedas garanti-
das solidas **directamente aos
freguezes e francas de porte
a domicilio.**

Schweizer & Co
Lucerne E 12 (Suissa)
Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real

CONSTIPAÇÕES antigas e recentes
TOSSAS
BRONCHITES
são radicalmente **CURADAS**
PELA

SOLUÇÃO PAUTAUBERGE

que dá
PULMÕES ROBUSTOS
e previne contra a
TUBERCULOSE

PREÇO PARA PORTUGAL: 800 REIS O FRASCO.

L. PAUTAUBERGE
COURMAYEUR-PARIS
e em todas as Pharmacias.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (**Chomar**), Penedo e Casal d'Hermio (**Couza**), Valle Maior (**Al-
bergaria-a-Uelha**). Installadas para uma produção annual de sei. milhões de kilos de
papel e dispoño dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em
deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma
e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qua-
lidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos
mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva
das mais importantes companhias e empresas nacionaes. **Escritórios e depositos:**

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605 — Porto, 117**

CAPITAL

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização..	266.400\$000
Réis ..	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprieta-
ria das fabricas do Prado, Ma-
rianaia e Sobreirinho (**Chomar**), Penedo e Casal d'Hermio (**Couza**), Valle Maior (**Al-
bergaria-a-Uelha**). Installadas para uma produção annual de sei. milhões de kilos de
papel e dispoño dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em
deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma
e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qua-
lidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos
mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva
das mais importantes companhias e empresas nacionaes. **Escritórios e depositos:**

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO GOTA NEURALGIAS

Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



Para encadernar a

Illustração Portugueza

Já estão á venda bonitas capas em percatine de phantasia para enca-
dernar o **PRIMEIRO SEMESTRE D'ESTE ANNO** da «Illustração
Portugueza». Desenho novo de optimo effeito.

PREÇO 360 RÉIS

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os se-
mestres anteriores. Envia-m-se para qualquer ponto a quem as requisitar.
A importancia pode ser remettida em vale do correio ou sellos em carta
registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ZEISS BINOCULOS

PARA
VIAGEM ♦ SPORT ♦ CAÇA

Peçam-se prospectos 7 39

A venda em todos os estabelecimen-
tos de optica e por:

CARL ZEISS-JENA (Allemanha)
Berlim — Francfort s. M. — Hamburgo
Paris — Vienna — S. Petersburgo
Londres — Milão

HERNIADO 30 ANNOS

Cura maravilhosa de um bem conhecido lisboense

Só em saber-se que existe a cura da hernia, é uma grande fortuna.

Alguma gente julga que só um medico com uma navalha e uma agulha poderá cerrar uma hernia.



SR. EDUARDO ROSA

Porem a experiencia do Ill.^{mo} Sr. Eduardo Rosa, morador em Lisboa, Rua da Magdalena, 31, (Typographia), herniado durante 30 annos, anniquila por completo esta theoria. Ha um especialista em Londres que descobriu um maravilhoso methodo de tratamento, que não só remette qualquer especie de hernia, mas tambem obriga os musculos a desenvolverem-se. O Sr. Rosa sciente d'isto, immediatamente experimentou. Os resultados foram admiraveis. Apesar de herniado por 30 annos, o Sr. Eduardo Rosa começou immediatamente a tratar-se e conseguiu uma perfeita e radical cura n'um diminuto espaço de tempo. Hoje encontra-se completamente restabelecido e sem o menor traço de hernia.

O Sr. Rosa é um d'entre os milhares de curados por este maravilhoso methodo, que é a descoberta do Dr. W. S. Rice, um dos mais afamados especialistas do mundo. Dr. Rice acaba de fazer a edição de um livro illustrado sobre este assumpto, e o qual elle enviara gratuitamente a todos que o pedirem, para que não se julgue que a hernia é incuravel. A cura por meio d'este methodo faz-se sem dor, perigo, operação ou necessidade de suspender o trabalho. É um methodo que vale bem a pena investigar. Escrevam-lhe hoje mesmo, pedindo o livro gratuito, que exprime claramente o methodo de cura, e é de todo o valor para os herniados, ou para os que tem amigos herniados. Endereço: — Dr. W. S. RICE (S. 889), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E. C., England.

MUSEU BIBENDU

No proximo numero publicaremos o 5.^o quadro do MUSEU BIBENDU, que não saiu, como de costume, na primeira segunda-feira d'este mez, por ter chegado com grande atraso a encomenda postal contendo os clichés que figuram n'esse quadro.

Os Cines Ultimos Perfumes



Rêve d'Ossian
Convoitise
Jardins d'Armide
Eillet Louis XV
Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND
11, Place de la Madeleine
PARIS
14-15, Conduit Street, LONDON

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Composição e Impressão

Fazem-se nas officinas da **Ilustração Portuguesa**

ZINCOGRAVURA E PHOTOGRAVURA.—Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobrado ou nickelado. Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo = o de trichromia.

PARA JORNAES com tramas especiaes para este genero de trabalhos. STEREOTYPIA de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Officinas da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
RUA DO SEculo, 43—LISBOA